



Análise de um Fórum Pedagógico de Discussão na Internet

Fernando Hartmann

RESUMO – Análise de um Fórum Pedagógico de Discussão na Internet. No quadro de novos dispositivos de educação a distância aparecem formas de comunicação pedagógica fundadas com a utilização de redes na internet que interrogam a linguística e a pedagogia. Propõe-se, portanto, uma análise do uso da língua nestas formas de interlocução. Destacou-se uma prática pedagógica que privilegiou a interação *on line* e a criação de uma comunidade de aprendizagem. As análises evidenciaram que, num *forchat*, com objetivos pedagógicos, as formas de discurso relatado marcado são muito frequentes. Também foi possível constatar o sentimento de pertencimento à comunidade, o aumento gradativo da utilização da segunda pessoa e o uso frequente de elementos fáticos iguais aos utilizados em conversas informais.

Palavras-chave: **Fórum Pedagógico. Comunidade de Aprendizagem. Discurso Pedagógico. Análise de Discursos. Educação a Distância.**

ABSTRACT – Analysis of an Internet Pedagogical Forum of Discussion. Under new provision to distance learning devices, new pedagogical communication forms arise founded with the use of Internet networks that interrogate linguistics and pedagogy. These arguments justify an examination of language use in these new forms of dialogue. It focus on teaching practice that privileged the online interaction and the creation of a learning community. The analysis shows that in a closed discussion forum with educational goals, like the forchat, the forms of marked reported speech are very frequent. Moreover, it was also possible to confirm the feeling of community membership, the gradual increase in the use of second person and the frequent use of factual elements equal to those used in informal conversations.

Keywords: **Pedagogical Forum. Learning Community. Pedagogical Discourse. Discourse Analysis. Distance Education.**

No quadro de novos dispositivos de educação a distância aparecem formas de comunicação pedagógica desconhecidas até então, fundadas com a utilização de redes na internet. Estas novas formas de interlocução interrogam tanto a linguística como a pedagogia. Acreditamos que uma análise do uso da língua nestas novas formas de interlocução colocadas em prática no campo pedagógico é pertinente tanto para a reflexão sobre metodologias pedagógicas possíveis como para reflexão sobre as relações entre sujeito e língua que interagem na estruturação do discurso através destas formas de interlocução possibilitadas pela tecnologia.

A constituição da materialidade discursiva analisada neste artigo é fruto de um Seminário Avançado sobre Bakhtin que fazia parte de uma disciplina¹ do primeiro mestrado a distância *stricto sensu* do Brasil, constituído como uma experiência piloto nacional para programas de pós-graduação a distância *stricto sensu*. Em consonância aos objetivos desta pesquisa e ao referencial teórico adotado, destacamos para análise uma prática pedagógica tal como a referida, a qual privilegiasse a interação *on line* e pretendesse a criação de uma comunidade de aprendizagem.

O Seminário Avançado é uma modalidade de desenvolvimento curricular adotada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual se busca o aprofundamento teórico de temas específicos. Em tese, um seminário é uma forma do discurso pedagógico no qual a diferença de saberes, condição necessária à pedagogia, não se faz tanto na diferença entre mestre e aluno, mas na diferença entre o tema que é estudado e as dificuldades impostas àqueles que buscam estudá-lo. A troca de saberes entre os participantes é motivada pressupondo que cada participante tem algo a partilhar e que se expressa pelo direito a enunciar suas ideias. Trata-se de um dispositivo pedagógico muito utilizado na área da pesquisa, da produção de conhecimento.

Segundo Bergounioux (2005, p. 15, tradução nossa), o termo seminário não se separa facilmente de dois empregos que o precedem e o ilustram. Em primeiro lugar, o uso religioso do termo imposto pelo Concílio de Trento ligado aos procedimentos de ensino da Igreja Católica; e, em segundo lugar, seu uso nas universidades francesas “reformistas” do século XIX que, rompendo com a tradição do curso magistral “mais eloquente que científico, mais brilhante que verdadeiro [...] reservavam a um pequeno grupo de estudantes voluntários o acesso a um curso que não levaria a nenhum concurso”. Para Bergounioux (2005, p. 15, tradução nossa),

[...] o tema da vocação não está longe, da vocação, quer dizer, da voz. O seminário é uma prática oral pela boa razão que ele é indissociável do comentário de textos escritos antes, que intervêm na crítica que faz uma letra viva do documento que se tornou silencioso.

As intervenções dos participantes foram registradas no ambiente virtual

denominado *forchat*², ambiente em que ocorreu o seminário focado aqui para pesquisa. A gravação das participações soma algumas centenas de páginas virtuais. Estes encontros no *forchat* ocorriam semanalmente em horários acordados pelos participantes. A regra era de que os encontros síncronos deveriam ocorrer uma vez por semana, como se fosse uma aula normal presencial na sala da faculdade, embora o dia da semana e horário estivesse livre para negociação entre os participantes do seminário. Os horários mudaram várias vezes, ocorrendo encontros inclusive em sábados e domingos.

Alguns alunos que participaram da disciplina já se conheciam através de outras disciplinas e grupos de pesquisas, outros, principalmente os oriundos do MEAD, não se conheciam, embora tivesse existido a oportunidade de encontro presencial em um trabalho realizado com todos os participantes antes do início da disciplina. Sendo assim, havia estudantes de Salvador, de Porto Alegre, de Pelotas, de Brasília e de outras cidades do país. Cada estudante participou de sua casa. O fórum de discussão, seminário virtual, era fechado, isso quer dizer que cada estudante tinha uma senha para entrar no *forchat*, não sendo permitida a entrada de pessoas não matriculadas na disciplina. Os participantes deste seminário (no *forchat*) provinham de áreas de formação e de atuação profissional diferentes, mas estavam unidos em torno de um objetivo comum – o estudo de um autor e a realização de uma disciplina curricular.

O *forchat* é um programa de computador que foi construído pelo Laboratório de Estudos em Linguagem e Cognição (LELIC) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O seu nome³ se deve ao fato de, tecnicamente, ser uma mistura entre um *fórum* de discussão e um *chat* de conversação. Segundo Margaret Axt (Axt; Mutti, 2008), o *forchat* está calcado sobre um conjunto de seis princípios⁴ pensados a partir de um ponto de vista tecnológico e metodológico, visando a um método distinto de ensino e de aprendizagem:

- 1) princípio da simplicidade que se refere à busca de facilidades operacionais para os participantes do fórum. Ele visa a diminuir as dificuldades de acesso a uma conversação virtual;
- 2) princípio da agilidade que se refere à preocupação de manter o ritmo mais acelerado das conversações presenciais e, com isso, minimizar os efeitos de isolamento da educação a distância. O princípio da agilidade é o responsável pelo fato de o *forchat* ser pensado como uma página de fórum que imita a arquitetura do *chat*, em que tanto mensagens para ler quanto formulário para escrever aparecem na mesma página;
- 3) princípio de imersão preocupa-se com o ficar imerso no contexto da discussão, manter-se no círculo da conversação. Ele é responsável pela ideia de se manter o texto para ler e o formulário para escrever integrados na mesma página, valorizando a comunicação simultânea muitos-muitos;
- 4) princípio da liberdade que se refere à proposta metodológica da liberdade na proposição de rumos para a conversa e para o debate.

Isso quer dizer que, mesmo tendo uma forte tendência a um objetivo comum, as dispersões eram aceitas;

- 5) princípio da alteridade que se refere à dinâmica de interação com o outro, encontro com o heterogêneo, visando a um processo de destabilização conceitual. Ele é responsável pelo convite à participação da comunidade de aprendizagem de pessoas com formações teóricas diferenciadas, tanto em nível de curso acadêmico como de filiação teórica;
- 6) princípio da desinstitucionalização de posições pré-instituídas que se refere ao exercício de deslocamento de posições pré-instituídas e convencionais de mestre/professor e de aluno.

O *forchat* é uma aposta na construção de uma comunidade virtual de aprendizagem mediada por um suporte que se vale da língua escrita. Metaforicamente podemos pensar no *forchat* como uma sala de aula na qual ocorre um seminário cujo tema é um autor definido, porém as possibilidades de ruptura do espaço e do tempo viabilizadas pela tecnologia digital de rede possibilitam uma forma de conversação até então impraticável, qual seja, todos conversando no mesmo momento com todos, cada qual a muitos quilômetros de distância e ainda em horários desconexos. Dessa forma, a posição pedagógica representada no *forchat* é de ruptura às formas estabilizadas de constituição do pedagógico. Conforme disseram Axt e Mutti (2008, p. 348) no Colloque Technologies du Langage: vers les sociétés du savoir, realizado na sede da UNESCO em Paris, “[...] aposta-se na possibilidade de dinamizar as formas de relação dos sujeitos com os saberes, de modo que professor e aluno sejam parceiros na experiência de produzir o saber, na qual a tecnologia é essencial”.

Na busca de formação de uma comunidade virtual de aprendizagem não é o professor quem dirige o rumo da discussão. “Nessa perspectiva, como mais um membro do grupo, o professor se expõe a não ‘saber’ responder a tudo, mas a buscar saber, como os demais” (Axt; Mutti, 2008, p. 357). Essa relação de possibilidade de utilização da palavra de forma *igualitária* é muito importante para a formação de uma comunidade de aprendizagem que visa à construção de conhecimento e não somente ao repasse de informações. O lugar diferenciado do professor se mantém, pois ainda é ele quem avalia e quem possui autoridade na comunidade. O que modifica é que todos podem utilizar o espaço para falar, propor ideias, planos de trabalho, textos a serem lidos. A tecnologia permite ao aluno fazer uso da palavra praticamente o tempo todo. Conforme Axt e Mutti (2008, p. 358), a posição de professor “[...] desloca-se, podendo ser ocupada por qualquer membro do grupo que se disponha a ‘ensinar’, em algum momento da discussão, sem desempenhar esse papel de modo permanente”.

O *forchat* é fruto e objeto de pesquisas na área da educação. Ele carrega em si uma proposta de produção de conhecimento, colocando-se contrário à utilização de *softwares* prontos sem uma análise crítica das teorias e metodologias utilizadas na construção dos mesmos. No entender de Axt e Mutti (2008, p. 359), o *forchat*, representando uma pedagogia peculiar, institui “[...] uma

posição enunciativa singular no discurso pedagógico” que possibilita relações subjetivas importantes para o processo de produção do conhecimento e autoria.

Como já dissemos, o *forchat* se assemelha a dois dispositivos que encontramos na internet, o *fórum* de discussão e o *chat* de conversação. No entanto, ele não se classifica nem como um *fórum* de discussão e nem como um *chat*. Na disciplina que analisamos, acreditamos que a utilização do *forchat*, para efeitos da análise que nos interessa, está mais caracterizada como um fórum de discussão⁵. Esta classificação em fórum de discussão serve apenas para efeitos de uma melhor definição do *corpus*, para relacionarmos com outras análises que estão à disposição para pesquisa.

As análises de fóruns de discussão são um campo novo no qual ocorre com frequência a utilização de categorias habituais da análise conversacional (Marcoccia, 2003; 2004; Chadernet, 2004; Celik; Mangenot, 2004) e análise discursiva (Münchow, 2004; Colin; Mourlhon-Dallies, 2004). Existe uma especificidade, neste tipo de *corpus*, que a análise conversacional ou a análise discursiva tentam elucidar de acordo com seus pressupostos situados na linguística aplicada. Nós não seguiremos exatamente este caminho, mas consideramos que as análises aqui citadas são de grande importância para justificação do *corpus* que estamos analisando. Assim como os autores aqui citados, também nos pautamos pelas marcas observáveis na língua, mesmo os nossos objetivos sendo diferentes dos da linguística.

Que tipo de *corpus* é um fórum de discussão? Segundo Marcoccia (2004, p. 25), “[...] um fórum de discussão é uma correspondência arquivada automaticamente, um documento digital dinâmico, produzido coletivamente de maneira interativa”. Marcoccia (2003, 2004) analisou fóruns abertos disponíveis na rede internet. Neste aspecto, o fórum que analisamos é significativamente diferente, pois se trata de um fórum fechado e com objetivos pedagógicos bem definidos. Porém acreditamos que os questionamentos e as análises de Marcoccia são muito pertinentes à nossa reflexão devido a várias características que restam comuns, assim como são importantes também as diferenças entre um e outro *corpus*.

Em um fórum de discussão virtual, existem algumas condições especiais ligadas aos dispositivos de comunicação mediada por redes de informática, como a comunicação síncrona e assíncrona, as funcionalidades técnicas do copiar-colar, introduzir *links* etc. De uma maneira geral, nós admitimos que um fórum de discussão pela internet é uma forma de comunicação híbrida da escrita conversacional: o código utilizado é o escrito, mas as trocas de mensagens entram em uma estrutura dialogal. O quadro participativo das trocas é muito complexo. Toda opinião, todo argumento é submetido a uma apreciação coletiva. Todas as mensagens podem ser, ao mesmo tempo, explicitamente endereçadas e legíveis por todos os participantes. Mesmo se uma mensagem é endereçada explicitamente a um destinatário direto, uma intervenção resta legível para todos. Assim os escritores perdem em parte o controle do formato de recepção de suas mensagens. O dispositivo implica que todas as mensagens

sejam virtualmente endereçadas a todo conjunto de estudantes.

Certas mensagens explicitam certos aspectos do formato de recepção, utilizando um *nós* inclusivo ou fórmulas como *bom dia a todos*. O locutor se endereça seguidamente ao grupo, espera uma resposta que será de um outro locutor individual, mas também uma resposta coletiva. Este endereçamento ao grupo é bem característico do *forchat*, como podemos verificar nas formulações que se seguem (grifo nosso)⁶:

1) Usuário: Data: 10/12/2003 Hora: 18:02:33 Mensagem: *Olá pessoal! Infelizmente não poderei estar no encontro sincrônico com vocês. Pensei em deixar algumas questões que fiquei pensando e gostaria de dialogar com vocês.*

2) Usuário: Data: 10/12/2003 Hora: 20:49:16 Mensagem: *Não seria esta também uma outra forma de se pensar a construção dos sujeitos, assim como a construção de sentido e autoria? O que acham disto?*

3) Usuário: Data: 10/12/2003 Hora: 21:14:00 Mensagem: *Alguém já leu ou assistiu a peça de teatro “Seis personagens em busca de um autor”?* Ela é uma consequência direta da crença na relação eu-outro e não eu-isso.

4) Usuário: Data: 10/12/2003 Hora: 20:52:09 Mensagem: *A meu ver, novamente aqui, na metodologia de pesquisa, ele propõe um trabalho de articulação entre o que se repete (as leis) e o que sempre se modifica (a interpretação). O que acham?*

Como podemos verificar, a demanda de resposta é endereçada ao grupo como um todo. Quando o locutor pergunta *O que acham?*, se referindo a uma posição sua, ele se endereça a qualquer um que tenha condições de ler os significantes que ele endereça. O endereçamento é feito, então, ao ambiente virtual e não a um sujeito específico. Qualquer membro da comunidade pode lhe responder, assim como pode ocorrer de ninguém se interessar por responder.

No *forchat*, também evidenciamos a passagem na qual uma questão endereçada a um dos membros indiferenciados do grupo (não importa quem) torna-se uma questão de tal ou tal, ou ao contrário, uma questão endereçada a um dos membros do grupo em particular torna-se uma questão do grupo, uma questão coletiva. Essa complexa rede de endereçamentos e recepções das enunciações é possível ser visualizada na sequência de formulações seguintes (os nomes foram substituídos por X1, X2, X3... X todos [nós], para melhor podermos visualizar o movimento de endereçamento dos participantes no *forchat* (grifo nosso):

5) Usuário: X1 Data: 10/12/2003 Hora: 21:20:39 Mensagem: *Só precisamos atentar, X2, para o fato de que essa declaração constitui uma ironia, que, segundo ele, é uma das características do discurso contemporâneo. Se não, caímos no erro de achar que a fala de Bahk, como diz a X3, contraria o exercício da autoria.*

6) Usuário: X4 Data: 10/12/2003 Hora: 21:21:18 Mensagem: *X5, sobre a tua colocação em relação as observações de X1 eu tenho observado que esta muito presente tanto na proposição sobre dostoeviski como de bakhtin a questão da alteridade e a construção do argumento a partir do outro... não seria este o ponto a ser discutido*

antes de se impor a análise e a produção dialógica de sentido?

7) *Usuário: X1* Data: 10/12/2003 Hora: 21:22:46 Mensagem: *Pois é, X5. Penso assim também. Não é necessário apenas interpretar. É preciso ver na interpretação um fundamento, algo que dê a ela substância. Se não, tudo não passa de um grande achismo sem razão. E diálogo pressupõe não só aceitação da fala do outro, mas também contraponto.*

8) *Usuário: X1* Data: 10/12/2003 Hora: 21:25:52 Mensagem: *Penso, X4, que essas duas questões são inseparáveis na teoria bahktiniana. Reconhecer a existência do outro é o ingrediente para a inserção deste como constitutivo do argumento. E (Xtodos) precisamos manter em mente o fato de que Bakhtin fazia sempre uma analogia profunda entre o mundo ficcional e o real, como se um fosse uma "metafora dialógica" do outro.*

9) *Usuário: X5* Data: 10/12/2003 Hora: 21:26:46 Mensagem: *X2! acho que (Xtodos) chegamos novamente em uma questão já várias vezes discutida.... falamos em nosso próprio nome? ou temos que nos contentar com citações? o que é o autor, em Bakhtin?*

Neste caso, podemos observar um efeito de colaboração enunciativa entre os participantes. Várias mensagens são intervenções reativas às mensagens já postadas. Observamos, também, processos de coenunciação pelos quais um participante cita outro membro do seminário. Cada um é coresponsável ou coprodutor do discurso coletivo. O discurso produzido por um sujeito contribui para a construção de um discurso coletivo.

A complexidade da rede de interlocuções é grande: X1 responde a X2 e, na sua resposta, cita uma fala de X3, então, X4 entra no diálogo, invocando X5 a participar e citando, em sua mensagem, X1. Na próxima mensagem postada, X1 responde a X5, porém X1 continua e posta outra mensagem, invocando X4 e todos os participantes do seminário a entrarem no diálogo. Quem responde, logo em seguida, não é X4, mas X5, invocando diretamente X2 e, também, todos os outros participantes. Esta rede de endereçamentos é um indício de que este seminário é uma comunidade de aprendizagem.

Uma diferença com relação aos fóruns de discussão disponibilizados na internet e o *forchat* é que, normalmente, os fóruns de discussão disponíveis em rede são um dispositivo de comunicação mediada por computador que ocorre frequentemente de forma assíncrona, o que permite aos internautas trocar mensagens sobre um tema particular durante um relativo longo período de tempo. Já o *forchat*, além de manter a comunicação assíncrona, mantém também a comunicação síncrona. Outra diferença é que, segundo Marcocchia (2004, p. 26, tradução nossa) “[...] numerosos trabalhos sublinham que as discussões em linha são frequentemente desorganizadas e confusas, por causa do desenvolvimento frequente de múltiplos fios de discussão e de conversas paralelas”. No caso do fórum que analisamos, isso de fato ocorria muito pouco, pois os participantes mantinham um fio de discussão bem definido tendo em vista que se tratava de um espaço pedagógico com objetivos bem definidos.

Digamos que existe, em um fórum de discussão, um estado de palavra aberta, uma discussão que persiste durante um longo tempo sobre um mesmo tema. Sendo assim, o espaço entre uma intervenção e uma reação a esta intervenção pode se estender por muito tempo, tendo em vista que as escritas permanecem no espaço do fórum.

Outra questão é que os fóruns de discussão podem ser definidos como dispositivos híbridos de comunicação interpessoal de massa, na medida em que eles permitem, ao mesmo tempo, a troca interpessoal (A responde a B) e a comunicação de massa (A envia uma mensagem legível potencialmente a um número ilimitado de internautas). No caso do *forchat*, o número era limitado, pois, se tratava de uma disciplina curricular, mas a possibilidade de enviar a um número ilimitado de internautas existe no programa. Segundo Marcoccia (2004, p. 27, tradução nossa), a assincronia tende a favorecer a dispersão temática, enquanto a sincronia tende a manter o fio da discussão no mesmo tema.

Devido à manutenção do arquivo de mensagens, um fórum de discussão pode ser considerado como uma interlocução que persiste durante um longo período de tempo. As mensagens no *forchat* são classificadas por data, hora, nome eletrônico do emissor. As mensagens postadas são armazenadas em sequência temporal, embora exista a possibilidade de postar uma mensagem entre uma sequência de mensagens já registradas, por exemplo, responder a uma intervenção logo após seu registro, independente da sequência temporal. De fato, essa possibilidade que, no início do fórum, foi utilizada por alguns participantes, deixou de ser utilizada quando estes se deram conta de que suas mensagens não seriam lidas se fossem incluídas entre uma sequência de mensagens de um tempo anterior ao movimento atual do fórum. O que ficou constatado é que, normalmente, os participantes do fórum, mesmo respondendo a mensagens postadas anteriormente, procuram fixar suas leituras nas mensagens postadas por último.

Um participante, ao consultar o fórum, tem duas possibilidades: ficar como um simples leitor ou postar uma mensagem. Quatro modos de produção de mensagens são propostos: o participante pode alimentar o fórum com uma nova mensagem, postar em posição de iniciativa, abrindo um fio de discussão; ele pode também responder mensagens postadas no fórum de forma reativa diretamente a seu interlocutor; ou abrir ao fórum; ou aos dois ao mesmo tempo.

A organização fortemente sequencial da leitura e da estruturação do fórum não permite saber, para uma troca do tipo “A: questão; B: resposta; C: resposta”, se C é também uma reação a B ou se podemos responder a uma intervenção inicial antes mesmo de ter lido as outras reações a esta intervenção. Dessa forma, o formato das interações sugere algumas questões: os participantes que intervêm têm todo o conhecimento das intervenções das quais eles participam? Os participantes têm o acesso às mesmas mensagens já postadas? Existe uma unidade de interação? Porém nos questionamos se estas perguntas não caberiam também no modelo de interação face a face de uma sala de aula normal e concluímos que, nesse aspecto, do ponto de vista pedagógico, não haveria

diferença entre o modelo de interações face a face e o modelo de interações via fórum de discussões na internet.

Segundo Marcoccia (2004, p. 32, tradução nossa), “[...] em um primeiro momento podemos fazer uma primeira distinção entre os participantes do fórum que produzem as mensagens e que são assim identificados e os que se contentam em ler as mensagens”. No caso do *forchat*, nós poderíamos dividir entre os que participam ativamente e frequentemente e os que participam menos, não existindo uma categoria na qual fosse possível incluir os participantes que leem, mas não postam mensagens. Supomos que o que ocorria no *forchat* é que, durante determinados períodos, alguns postavam mais mensagens do que outros, e por momentos o participante que interagiu mais vezes ficava um longo período somente lendo (ou ausente). Existem também os participantes mais ativos, que animam o fórum, colocando questões mais abertas ou polêmicas, e outros que acompanham de forma mais passiva o andamento do fórum.

Com relação ao formato de produção das mensagens, Marcoccia (2004, p. 33, tradução nossa) diz que:

Nos fóruns de discussão e na comunicação mediada por computador em geral, o formato de produção da mensagem é sempre complexo. De fato, a mediação técnica necessária para o envio de uma mensagem introduz uma hierarquização possível da instância de produção das mensagens, ao mesmo tempo técnica, social e humana. Os componentes desta instância correspondem a diversas modalidades de produção da mensagem: participação, transmissão, motivação e formatação.

Nos fóruns de discussão abertos na internet, quanto ao formato de recepção das mensagens, assinalamos a dificuldade de selecionar um destinatário à mensagem postada. Muitas mensagens são endereçadas a todos os participantes do fórum, embora de fato não possamos saber quem vai ler estas mensagens. Muitas vezes o fórum é utilizado como uma espécie de correio eletrônico entre alguns participantes: as mensagens são endereçadas a participantes específicos e, por vezes, formam um diálogo entre dois com um tema bem definido. Quando um participante produz uma mensagem reativa direta, o formato de recepção é mais identificável. Porém, mesmo se uma mensagem é endereçada explicitamente a um destinatário, ela resta legível por todos os participantes do fórum. Quem emite uma mensagem não tem nenhuma ideia sobre quem poderá ler esta mensagem, embora ele possa esperar que o destinatário direto, aquele a quem ele endereçou, leia a sua mensagem. Esta é uma característica da língua escrita. Na escrita, nunca sabemos até onde a nossa voz pode chegar. Tomamos aqui como escrita qualquer forma que torne possível a repetição, mantendo o sistema da língua para realizar a leitura.

Ainda existe, segundo Marcoccia (2004, p. 35, tradução nossa), nos fóruns de discussão, “a categoria do ‘eavesdropper’ (aquele que espiona); é uma categoria um pouco paradoxal: um destinatário que não é nem direto nem indireto,

mas que é sempre destinatário”. Isso constitui uma situação não habitual para a análise das conversações. Patrick Chardenet (2004, p. 58, tradução nossa) também defende que não podemos nos basear em uma estruturação conversacional na forma de turno de fala, porque “[...] não há nunca o primado do dizer sobre o ouvir nas trocas síncronas durante as quais numerosos interlocutores ‘falam’ ao mesmo tempo, a tecnologia se encarregando de distribuir as intervenções”.

Segundo Colin e Mourlhon-Dalies (2004, p. 113, tradução nossa), “[...] os fóruns de discussão na internet veiculam trocas originais com relação à conversação face a face e aos escritos sobre suportes em papel”. No caso do *forchat*, se formou um espaço de interlocução complexo, no qual todas as trocas são colocadas à disposição de todo mundo sem o recurso da entonação, de gestos ou mímicas disponíveis no espaço físico, sendo comparável, por exemplo, a vinte pessoas em torno de uma mesa falando sobre o mesmo assunto mais ou menos ao mesmo tempo. Devido a todas essas novas possibilidades de interação, se faz necessária a busca de novas formas de análise além da análise conversacional.

Segundo Christelle Celik e François Mangenot (2004), em sua análise discursiva enunciativa de uma comunicação pedagógica via fórum, os sistemas do tipo fórum são atualmente um dos mais empregados na educação a distância, principalmente nos Estados Unidos, onde seus trunfos são sublinhados por numerosos pesquisadores.

Em artigo sobre a comunicação pedagógica, Celik e Mangenot analisaram um curso na internet de uma unidade de ensino de professores de francês, língua estrangeira⁷. O quadro teórico deste estudo vem das aprendizagens colaborativas assistidas por computador, domínio de pesquisa, segundo Celik e Mangenot (2004), bem estabelecido no mundo anglo-saxão. Eles procederam a uma análise qualitativa das interações verbais. Sua questão de pesquisa foi analisar as marcas enunciativas que podem caracterizar a constituição de uma comunidade de aprendizagem. A partir disso, eles passaram a interrogar certas características comunicacionais desta nova forma de interação. Para Celik e Mangenot (2004, p. 87, tradução nossa):

A comunicação bilateral com um professor, que tem lugar pela via postal ou pela via eletrônica, permite um *feedback* individualizado, mas deixa o estudante a distância no seu isolamento; este isolamento constitui uma das causas dos numerosos abandonos que conhece o ensino a distância. Somente os meios eletrônicos coletivos, como os *chats* e os fóruns, permitem a constituição de uma comunidade de aprendizagem.

Eles afirmam que os sistemas do tipo fórum apresentam várias características originais. Entre elas possui grande importância, dentro de uma perspectiva pedagógica, a permanência e o caráter público das intervenções. Porém, segundo Celik e Mangenot (2004, p. 78, tradução nossa), “a dimensão pública das trocas, condição *sine qua non* (no caso de formação inteiramente a distância) para o estabelecimento de uma comunidade de aprendizagem, pode igualmente

constituir um freio à participação”. A partir desta questão, eles passaram a se interrogar sobre os estudantes que ficavam em silêncio ou preferiam endereçar a palavra ao professor de maneira privada, por correio eletrônico, levantando a hipótese de que o caráter público poderia constituir uma fonte de bloqueio à participação. Eles notaram que certos estudantes não superavam o obstáculo da *publicação*, porém eles se conectavam regularmente ao sistema e, paradoxalmente, estes estudantes *mudos* aproveitaram significativamente as interações entre seus pares e o professor. Segundo Celik e Mangenot (2004, p. 78, tradução nossa), “[...] estes estudantes estimavam ter plenamente aproveitado o curso”.

No fórum de discussão analisado por Celik e Mangenot, a interação entre pares era um objetivo que raramente acontecia. A grande maioria das mensagens era direcionada ao professor. Em um questionário aplicado aos participantes do curso se constatou que eles se correspondiam frequentemente via correio eletrônico e que o conteúdo destas interações era, na maior parte, relativo ao curso. Eles se perguntaram se era a presença do professor, “sempre considerado como um olhar avaliador”, o motivo que inibia as interações entre pares no fórum. Ou se as mensagens mais privadas pareciam menos ameaçadoras que as acessíveis a todos. Então eles se dedicaram a analisar um período no qual as interações entre pares aumentaram consideravelmente, de 8,7% a 23,3%. Celik e Mangenot (2004, p. 80, tradução nossa) destacaram a frase de uma estudante: “Vocês não acham que desde que há atividades lúdicas nos tornamos mais interativos?”. Eles explicam que a atividade lúdica mencionada apareceu de modo relativamente imprevisto, quando uma estudante, no lugar de fornecer um exercício lexical com sua solução, a apresentou como um jogo de adivinhação destinado ao conjunto de participantes, “[...] certos estudantes começaram a emitir hipóteses enquanto outros comentavam o interesse ou a dificuldade da solução” (Celik; Mangenot, 2004, p. 80, tradução nossa). A partir do jogo, o endereçamento das mensagens se modificou. Por exemplo, A emitia uma mensagem a B e quem respondia era C. Eles constataram que as interações aumentaram quando os estudantes se tornaram professores, eles mesmos, dos problemas lúdicos de práticas diversas, quer dizer, que no jogo de adivinhação, todos poderiam ter algo interessante a dizer. O que primeiramente foi proposto pela estudante era um jogo de adivinhação de uma palavra a partir de 10 contextos: pode-se imaginar como isso se torna interessante na aprendizagem de um língua estrangeira. Eles também levantam a hipótese de os alunos interagirem mais a partir do afastamento de um olhar avaliador.

No *forchat*, o professor participava raras vezes das interações. Normalmente ele ficava fora, como um participante mudo, que muitas vezes não estava presente (*on-line*) e mesmo os participantes de fato não sabiam se ele estava lá ou não. Havia uma monitora da disciplina, mas que não se colocava no lugar de um saber superior, e sim como mais uma aluna a aprender o tema. A professora também estava neste lugar de aprender em conjunto com os alunos.

Acreditamos que uma possibilidade promissora para a pesquisa sobre a aprendizagem colaborativa consiste em explorar certos ramos da linguística, a

fim de tirar um quadro de análise melhor fundado teoricamente. Também para Celik e Mangenot (2004, p. 82, tradução nossa), as interações entre pares não são o único critério que permite considerar que foi criada uma comunidade de aprendizagem, “[...] as marcas de enunciação e sua evolução no desenrolar do ano constituem um outro meio de constatar a constituição de uma comunidade de aprendizagem”. Na busca de marcas de enunciação que apontassem para a criação de uma comunidade de aprendizagem, eles encontraram várias particularidades como: o endereçamento cada vez maior ao grupo todo e não somente a uma pessoa; no início das atividades do fórum, uma maior utilização do *Eu* e, depois, um aumento considerável do *Tu*; o aparecimento gradativo do *Nós*, *Vocês*.

Outro termo da enunciação estudado por Celik e Mangenot (2004, p. 84, tradução nossa) foi a função fática da linguagem, pois: “[...] ao mesmo tempo em que se desenvolve no seio das mensagens uma grande presença de pronomes da segunda pessoa (singular ou plural) constatamos que a função fática da linguagem tem igualmente uma tendência a se afirmar”. Eles notaram que os termos de endereço como: “Bom dia”, “Caros colegas”, algo mais formal, passava no decorrer do fórum para um “Salve”, “Oi”, mais informal, marcando, assim, “[...] um relaxamento do código de polidez e uma grande familiaridade nas relações do grupo” (Celik; Mangenot, 2004, p. 84, tradução nossa). Dessa forma, vemos que um estudo das marcas enunciativas presentes no *corpus* deixava, então, entrever o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Com relação aos trabalhos presenciais, na qualidade de trabalhos dirigidos em grupo, uma comparação realizada por Celik e Mangenot (2004) refere que a permanência das contribuições é uma característica importante nos fóruns e que alivia a perda de informação inerente às discussões orais; em contrapartida, a interatividade menor que a falada constitui um inconveniente em uma perspectiva de amarragem e de confrontação de ideias. Em um trabalho dirigido em sala de aula não podemos obter uma participação geral dos estudantes, a não ser pela técnica que consiste em dar a palavra a cada um fazendo uma série, o que é extremamente custoso quanto ao tempo. Uma das dificuldades apontadas por Celik e Mangenot, no caso dos meios eletrônicos coletivos, acontece quando o professor precisa fazer uma correção, quando precisa fazer uma crítica, que inevitavelmente se torna pública.

A conclusão à qual Celik e Mangenot (2004, p. 88, tradução nossa) chegaram é que a comunicação em um fórum de discussão virtual,

[...] quando ela se situa em um quadro pedagógico bem definido, permite ao mesmo tempo encontrar certas vantagens sócio-afetivas da comunicação presencial, como a constituição de uma comunidade de aprendizagem, e oferece também possibilidades cognitivas interessantes de mutualização e aprofundamento da reflexão, ligadas à permanência e ao caráter público do escrito.

A possibilidade de manter, em uma mesma forma de interlocução, vanta-

gens da língua escrita, como a permanência caracterizada pelo caráter assíncrono do seminário e vantagens da interlocução síncrona que se assemelha à língua oral, fazem do *forchat* um dispositivo pedagógico poderoso. No entanto, como já assinalamos, essas vantagens dependem também de um quadro pedagógico bem definido. Dois fatores influenciam a estrutura das interações: a funcionalidade do sistema utilizado (programa) e a maneira como é encarado o acompanhamento pedagógico (metodologia de ensino). Acreditamos que este conjunto refletiu no seminário virtual que analisamos, possibilitando a criação de um *corpus* novo, diferente tanto para a análise pedagógica como linguística.

A análise do discurso relatado em um fórum de discussão na internet realizado por Patrícia von Münchow (2004) foi de grande importância para o enfoque de nosso *corpus*, por duas razões principais: uma, o fato de serem muito raras ainda as análises linguísticas de fóruns de discussão na internet⁸, outra por esta análise focar o discurso relatado, que foi objeto de nossas análises e também condiz com nosso referencial teórico.

O discurso relatado é fruto das vozes marcadas no discurso como vozes de outros presentes na composição da enunciação. Pode ser definido como uma operação metadiscursiva de representação de um ato de enunciação por um outro ato de enunciação. Um discurso que, no momento em que se faz, reenvia a um outro discurso. Segundo a análise de Münchow (2004, p. 96, tradução nossa), o discurso relatado é uma “operação discursiva relativamente rara em um fórum de discussão”. Ela se refere às formas marcadas, ela diz que as discussões se desenvolvem em torno de fontes utilizadas, mas que não são nomeadas ou invocadas. Conforme Münchow (2004, p. 97, tradução nossa), em um fórum de discussões aberto “não é sempre bem visto mostrar as fontes onde nos servimos”. De certa forma, o que prevalece em um fórum aberto na internet é a transmissão de informação sem assinalamento de origem. No fórum estudado por Münchow (2004, p. 103, tradução nossa), “[...] o fato de relatar um discurso outro é frequentemente criticado pelos outros participantes. Isso parece incitar os locutores a tomar uma série de precauções desde que eles se engajem nesta operação discursiva”. Este fato não acontecia no *forchat*.

Segundo Münchow (2004), o discurso relatado, nos casos por ela analisados, pretende preencher um argumento de autoridade, ou seja, se apoiar sobre um discurso já autorizado, pois, ao trazer discursos já estabelecidos de locutores reconhecidos, o locutor se autoriza sobre o assunto tratado. Porém, como no próprio exemplo de Münchow, quando um locutor traz um discurso relatado ele é frequentemente solicitado a emitir sua própria opinião, quer dizer, sem se *esconder* atrás de discursos de outros. Para ela, a não aceitação do argumento de autoridade⁹ reflete a não aceitação de uma autoridade superior àquela dos participantes do fórum. Nesse sentido, o fórum deve ser um espaço livre no qual o que vale são as discussões ali estabelecidas e não algo externo.

Uma questão interessante apontada por Münchow (2004, p. 107, tradução nossa) é que quando existe “[...] um grande número de ocorrências de discurso relatado, o ato de relatar é imediatamente criticado pelo próprio locutor que

relata”. Porém se o discurso relatado portar um julgamento depreciativo, então ele é aceito, quer dizer, se ele não tira a autoridade dos participantes do fórum. Por exemplo, é legítimo relatar discursos na mensagem inicial de um fio de discussão com o objetivo de iniciar um debate, mas não para fechar um debate. Um argumento de autoridade pode ser utilizado legitimamente no fórum para contrapor a pretensão de autoridade de outros participantes, pretensão ainda menos aceitável que o fato de ceder responsabilidade enunciativa de seus propósitos a uma personalidade exterior. Conforme Münchow (2004, p. 109, tradução nossa), “[...] os participantes são considerados como tomando inteira responsabilidade de suas falas sem invocar autoridades discursivas outras”. De fato, tem-se não somente o direito de mostrar sua subjetividade, tem-se mesmo a obrigação.

O que é interessante notar a partir destas interpretações do discurso relatado é o fato de existir um certo número de regras discursivas cujo não obediência é sistematicamente apontado. Segundo Münchow (2004), em um fórum aberto não se trata tanto de relatar discursos, parece mais que se trata de participar de um jogo de convivência construído sobre os enunciados de outros participantes, sobre o *interdiscurso Usenet* ou sobre discursos exteriores ao fórum, mas aos quais os participantes se sentem chamados a tomar posição, estando dada a temática geral do fórum.

Para Münchow (2004), em um fórum aberto, disponível ao público em geral na internet, com leis de convivência determinadas e um assunto específico, existe a predominância do discurso relatado livre. Vale a pena ressaltar que somente conseguimos indicar um discurso relatado livre pela via da interpretação. Seguindo um exemplo de Münchow (2004), ao analisar, uma mensagem postada em um fórum aberto sobre meio ambiente, a frase *Mesmo se isso continua a ser uma forte tendência de proibir de proibir*, nós somente entenderemos que se trata de uma modalização autonímica de empréstimo via interpretação, ou seja, que ela se origina do famoso slogan: *É proibido proibir* do movimento de 1968. Seria o mesmo que dizer: *como eles disseram em 68, como já dissemos*, porém, no caso do exemplo de Münchow, o enunciador de origem não é definido.

O que Münchow (2004) mostra em sua análise é como os outros discursos são inseridos na enunciação sem serem identificados como outros discursos provenientes de outras vozes; eles são incorporados de tal modo que o discurso do locutor parece homogêneo. Segundo ela, as origens do discurso outro são escamoteadas e as citações mais frequentes são de elementos de mensagens anteriores. Münchow (2004, p. 94, tradução nossa) diz que, “[...] de fato, antes que discurso direto, parece se tratar, mais frequentemente, no fórum de discussão estudado, da organização de um discurso escrito em torno de falas típicas do discurso oral”.

Ao contrário de um fórum de discussão aberto, em um fórum de discussão fechado, com objetivos pedagógicos, tal qual o *forchat*, as formas de discurso relatado marcado são muito frequentes. Trata-se de um discurso no qual é

necessário ao locutor citar as suas fontes. No seminário analisado, em que se utilizou o *forchat*, o argumento de autoridade era frequentemente utilizado, porém o jogo de convivência não é afetado com isso. As regras discursivas existem e o seu não cumprimento é sancionado pelo grupo. Também foi possível constatar o sentimento de pertencimento à comunidade crescer ao longo do semestre, a utilização da segunda pessoa aumentar gradativamente, assim como o imenso uso de elementos fáticos iguais aos utilizados em conversas informais. No *forchat* analisado, mesmo estando dentro de um discurso pedagógico bem definido, se manteve um espaço livre no qual o que vale são as discussões ali estabelecidas, o que o assemelha aos fóruns abertos encontrados na internet.

Recebido em fevereiro de 2011 e aprovado em setembro de 2011.

Notas

- 1 A disciplina foi ministrada por Margarte Axt, cujo tema era a teoria do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. O seminário ocorreu com a participação efetiva de aproximadamente vinte alunos e foi realizado no 2º semestre de 2003, no Programa de Pós-Graduação de Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O seminário se desenvolveu através de vários procedimentos metodológicos tais como: lista de e-mail, criação pelos alunos de memoriais de conceitos (com experiências pessoais incluídas), mapa conceitual, *home page* e monografia individual. Neste seminário estavam inscritos alunos do PPGEDU/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Educação), do PGIE/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação) e do MEAD (Mestrado a Distância), que era suportado pelo PPGEDU.
- 2 O *forchat* foi idealizado por Margarete Axt e implementado por bolsistas do Projeto Comunidades Virtuais de Aprendizagem (Provia): Tiago D. Sturmer, Fábio M. de Carvalho, Lucas Guimarães e Daniela P. Paiva, com a colaboração de pós-graduandos. Atualmente, o *forchat* (<www.lelic.ufrgs.br/for-chat>) integra a plataforma AVENCCA – Ambientes Virtuais para Encontros de Sentido, Construções Conceituais e Aprendizagem, também desenvolvida pelo grupo de pesquisa do LELIC/UFRGS (<<http://www.civitas.lelic.ufrgs.br/avencia/>>).
- 3 No momento em que foi batizado o *forchat*, a partir da pergunta do mediador “Como ele vai se chamar?”, todos começaram a dar sugestões (fórum pedagógico, fórum de conversação, *chat* educacional). E apareceu a questão “Mas é um fórum ou um *chat*?”, o que gerou mais uma chuva de ideias até chegarmos no *forchat*. Dessa forma, o batismo do *forchat* não parece fugir aos princípios de seu funcionamento.
- 4 Esses princípios foram sistematizados, pela primeira vez, por Margaret Axt em palestra proferida via teleconferência para *workshop* em Portugal, Lisboa, na Universidade Aberta, promovido pelo Centro de Ciências em Educação e Psicologia, sob a coordenação da Dra. Alda Pereira, em janeiro de 2005. Após foram reapresentados, à luz da Análise de Discurso de origem francesa, num trabalho em parceria com a Dra. Regina Mutti, em setembro de 2005, em um encontro Internacional, em Paris,

- promovido pela UNESCO, sobre tecnologias da linguagem.
- 5 Porém, no caso da utilização do *forchat* como foi descrita na dissertação de mestrado de Magale de Camargo Machado (2006), cujo objetivo era a inclusão escolar e os participantes eram crianças de até 12 anos, o *forchat*, também com relação a uma análise comparativa, se assemelha mais a um *chat* de conversação.
 - 6 As formulações destacadas para análise foram recopiadas literalmente.
 - 7 O curso de francês, língua estrangeira, é um curso disponibilizado pelo estado francês para os estrangeiros que desejam aprender a língua francesa.
 - 8 O fórum analisado por Patricia von Münchow foi o fr.soc.environment.
 - 9 O argumento de autoridade manifesta-se quando o locutor busca incluir na sua enunciação o discurso de personalidades socialmente aceitas como detentoras de um saber reconhecido sobre o tema que está em questão. No caso do discurso científico-acadêmico, no qual o pedagógico se apoia, esta estratégia é frequentemente utilizada. Por exemplo: se estamos falando de aprendizagem dizemos conforme Piaget..., ou conforme Vigotski.

Referências

- AXT, Margaret; MUTTI, Regina. Para uma Posição Enunciativa no Discurso Pedagógico Mediado por Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, v. 12, n. 25, p. 347-361, abr./jun. 2008. (Trabalho apresentado originalmente no Colloque Technologies du langage: vers les sociétés du savoir. Paris: UNESCO, 2005)
- BERGOUNIOUX, Gabriel. **Critiques par un Linguiste de l'Édition des Séminaires de Lacan**. Paris: ed. Les amis de Jacques Lacan & Max-Milo, 2005.
- CELIK, Cristelle; MANGENOT, François. La Communication Pédagogique par Forum: caractéristiques discursives. In: MOURLHON-DALIES, Florence; RAKOTONOELINA, Florimond; REBOUL-TOURÉ, Sandrine (Org.). Les Discours de l'Internet: nouveaux corpus, nouveaux modèles? **Les Carnets du CEDISCOR n. 8**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004. P. 78-88.
- CHARDENET, Patrick. Échanges Plurilingues em Ligne: à la recherche de l'objet du discours. In: MOURLHON-DALIES, Florence; RAKOTONOELINA, Florimond; REBOUL-TOURÉ, Sandrine (Org.). Les Discours de l'Internet: nouveaux corpus, nouveaux modèles? **Les Carnets du CEDISCOR n. 8**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004. P. 53-75.
- COLIN, Jean-Yves; MOURLHON-DALIES, Florence. Du Corrier des Lecteurs aux Forums de Discussion sur l'Internet: retour sur la notion de genre. In: MOURLHON-DALIES, Florence; RAKOTONOELINA, Florimond; REBOUL-TOURÉ, Sandrine (Org.). Les Discours de l'Internet: nouveaux corpus, nouveaux modèles? **Les Carnets du CEDISCOR n. 8**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004. P. 110-121.
- MACHADO, Magale de Camargo. **A Constituição da Personagem em Ambiente Virtual**: possibilidades da informática educativa. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARCOCCIA, Michel. Parler Politique dans un Forum de Discussion. **Langage & Société**, Paris, Maison de sciences de l'homme, n. 104, p. 9-55, jun. 2003.

MARCOCCIA, Michel. L'Analyse Conversationnelle des Fóruns de Discussion: questionnements méthodologiques. In: MOURLHON-DALIES, Florence; RAKOTONOELINA, Florimond; REBOUL-TOURÉ, Sandrine (Org.). Les Discours de l'Internet: nouveaux corpus, nouveaux modèles? **Les Carnets du CEDISCOR n. 8**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004. P. 25-35.

MÜNCHOW, Patricia von. Le Discours Rapporté dans un Forum de Discussion sur l'Internet. In: MOURLHON-DALIES, Florence; RAKOTONOELINA, Florimond; REBOUL-TOURÉ, Sandrine (Org.). Les Discours de l'Internet: nouveaux corpus, nouveaux modèles? **Les Carnets du CEDISCOR n. 8**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004. P. 94-109.

Fernando Hartmann possui Mestrado (2003) e Doutorado (2007) em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Professor Adjunto na FURG e participa de uma Cátedra da UNESCO, sobre multilinguismo, com sede na Unicamp. Temas de pesquisa: Clínica Psicanalítica, Psicologia Social, Psicologia da Educação, Aprendizagem, Tecnologia Educacional, Linguística, Análise de Discurso, Políticas Públicas.
E-mail: fernandohartmann@no-log.org